

## O FANTASMA DA AUTORIA: UMA LEITURA DE APARIÇÃO, DE VERGÍLIO FERREIRA

Raphaella Lira\*

*Um homem se propõe a tarefa de esboçar o mundo. Ao longo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de navas, de ilhas, de peixes de habitações, [...] e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.*<sup>1</sup>

Jorge Luis Borges

A citação de Jorge Luis Borges, muito mais do que funcionar como um pórtico, é, também, uma porta por onde podemos entrar no universo compreendido pelos delicados limites entre autobiografia e ficção. Mais do que aquilo que se esconde na suposta narração de uma vida ou no mero discurso em primeira pessoa, será nessa tênue fronteira que serão erigidas obras que até hoje despertam a curiosidade por seu suposto hibridismo.

A literatura é, por definição, o lugar onde as origens se apagam, as vozes se mesclam, o lugar no qual a «língua aflora» e é concedido aos «saberes» um *topoi* indireto e precioso<sup>2</sup>. Se o texto é, parafraseando Roland Barthes, esse palco no qual se encena o jogo da literatura, como poderíamos indagar os limites que se estabeleceriam entre a experiência pessoal de cada escritor e a possível ficcionalização das mesmas em sua obra? Como lidar, sobretudo, com uma obra na qual é inegável a aproximação entre realidade e literatura?

Falar em autobiografia implica também falar em memória e rememoração. Afinal, o que seria memória? Como seria possível estabelecer limites entre aquilo que é, de fato, pura reminiscência e o retrato fiel de um acontecimento passado? O *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* define memória como: «1. Faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos. 2. Lembrança, reminiscência.» As duas entradas são, simultaneamente, opostas e complementares. Se a memória é aquilo que nos permite reter imagens e ideias, como podemos definir o que lembramos com base na faculdade que nos permite captar a lembrança? Lembrar-se é muito mais do que fazer um mero inventário simbólico de fatos do passado, é a construção dos paradigmas que irão guiar cada indivíduo em suas escolhas futuras.

De acordo com Jacques Le Goff «o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios»<sup>3</sup>;

\*Mestranda em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ e bolsista da Cátedra Jorge de Sena no período 2008-2009. Esta pesquisa foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luci Ruas.

logo, ao olhar para trás, o protagonista de *Aparição*, romance de Vergílio Ferreira que será objeto deste estudo, irá não só fazer uma retrospectiva de seu passado mas ao mesmo tempo trazer à tona os fragmentos que são mais relevantes para si. O protagonista de *Aparição*, um simples professor de Liceu que tenta reconstruir seu passado por meio da memória, põe em perspectiva não somente a problemática da existência humana, verve célebre do autor, mas também a questão do pacto autobiográfico em particular. Alberto, ao rememorar acontecimentos passados filtrados pela luz de sua atual condição, busca, além de remontar, também dar forma ao presente que o cerca.

A memória sempre foi um dos principais motivadores da autobiografia. A necessidade que um indivíduo teria de não só analisar seu próprio percurso percorrido mas também de observar-se como protagonista de sua história marcaria a problemática desse gênero, que continua alojado num terreno movediço, onde qualquer definição pode afundar a qualquer momento. Assim, como será possível discutir uma leitura autobiográfica da obra de Vergílio Ferreira? Um dos pontos que poderão tornar viável essa leitura será a narração em primeira pessoa que, apesar de se enquadrar em um molde clássico do relato autobiográfico, também acaba contrariando esse modelo, visto que o protagonista vergiliano não compartilha do mesmo nome do autor. Ainda assim, é possível a constatação de indícios que irão, ao longo da narrativa, aproximar cada vez mais criador e criatura.

Como confiar na fidelidade da pena, no empenho da escrita e sobretudo na crueldade da memória que a todo minuto seleciona os fragmentos que lhe são relevantes? Mais do que isso, a memória é o delicado monstro adormecido que habita o interior de todos os seres humanos. «Sento-me aqui nessa sala vazia e relembro»<sup>4</sup> são as palavras que abrem o romance de Vergílio Ferreira e que também nos lançam no entrecruzamento de conceitos que irão nortear esse ensaio. Memória, ficção e autobiografia podem ser diferentes conjugações de uma mesma intenção?

De acordo com Philippe Lejeune, «a autobiografia se define menos pelos elementos formais que a integram do que por um contrato de leitura». Lejeune ainda prevê que todas as características que são recorrentes nos romances de cunho autobiográfico só podem ser definidas a partir da posição do leitor, ou seja, que tudo aquilo que poderíamos afirmar sobre uma determinada obra que se encaixe na definição de autobiografia não pode jamais ser oriundo de qualquer comprovação que tenha como base o ponto de vista do próprio autor. À luz dessa definição, como classificar as irrupções da memória e os questionamentos acerca da existência humana que irrompem a toda hora em *Aparição*? Lemos as palavras do narrador: «Tento, há quantos anos, vencer a dureza dos dias, das ideias solidificadas, a espessura dos hábitos, que me constrange e tranquiliza. Tento ler a face das coisas e ler aí minha verdade perfeita.»<sup>5</sup> Fantasmagoria de um eu agonizado

pelas lembranças ou mera ficcionalização de uma experiência de vida? O que vemos na obra de Vergílio Ferreira é uma narrativa na qual tudo existe através da consciência desse narrador. De acordo com Maria Lúcia Dal Farra, o sujeito da enunciação vergiliana é também sujeito do enunciado, fechando assim sobre si próprio o jogo do espelhamento. Alberto é, simultaneamente, narrador da obra e tema da narração, encaixando-se, contudo, de forma peculiar na definição de autobiografia. Na verdade, se essa constatação é o próprio cerne de uma definição clássica de autobiografia, na qual sujeito e objeto de um determinado enunciado coincidem, o que será questionado aqui não se situa na relação personagem/narrador, mas busca saber em que medida esse protagonista poderia ser um desdobramento de uma outra instância que é a do próprio autor.

Reservado e solitário, Alberto necessita de «uma sala vazia», para que possa sentar-se e relembrar. Entretanto, como poderia ser definido o ato de relembrar? Que seria, para Alberto, fechar os olhos e tentar voltar ao passado? Talvez mais do que recontar os acontecimentos que marcaram um determinado período de sua vida, mais que reconstruir o caminho trilhado, ao relembrar-se, Alberto talvez esteja, na realidade, debruçando-se sobre o complicado enigma da existência humana. O que desencadeia esse fluxo de memória não é apenas a solidão, mas também o choque com uma espécie de Unidade Primordial, um Uno absoluto que irá propiciar a esse eu, empenhado no desejo de continuar único e indissociável, a transcendência rumo ao Absoluto. A memória é, assim, o elemento que propicia a esse eu a manutenção da experiência do Absoluto.

Na solidão de um escritor existe sempre o suicídio, afirmou Marguerite Duras. Todo ofício da escrita é perpassado pelo fato de que, em prol da obra, parte da pessoa do escritor tenha que cair no esquecimento. Não é isso, entretanto, o que vemos ao confrontar uma outra obra de Vergílio Ferreira, *Invocação ao Meu Corpo*, com o romance *Aparição*. Na verdade, o que salta aos olhos é a semelhança entre o discurso filosófico-metafísico de natureza unívoca pertencente a *Invocação* e os longos e epifânicos questionamentos de Alberto sobre o milagre da vida. «Como um Deus uno e múltiplo nas múltiplas qualidades, eu sou na pessoa que sou e vários no que a exprime», afirma Vergílio em *Invocação ao meu corpo*.

Retornando ao arcabouço teórico fornecido por Philippe Lejeune, a autobiografia é: «Relato retrospectivo em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando coloca em evidência sua vida individual e, principalmente, a história de sua personalidade.»<sup>6</sup> Existem certamente outros elementos formais que serão levados em conta por Lejeune, mas, no momento, interessamos apenas a definição arquetípica por ele fornecida. O perfil do narrador, que vai sendo traçado ao longo da obra, irá ao encontro dessa definição de Lejeune. Por mais que Alberto Soares não seja uma pessoa real, ele vai pôr em perspectiva as reminiscências do passado e, sobretudo, vai tentar lidar com o percurso errático da

existência humana, o que torna possível a indagação acerca da natureza do texto. No eco das palavras desse narrador, será possível escutar o eco das palavras do autor de *Aparição*. Porque as indagações metafísicas e a preocupação com a finitude da existência humana também são recorrentes no discurso não ficcional do próprio Vergílio. Em uma das diversas entrevistas concedidas ao longo de sua vida, ele afirma: «Sou professor de ensino liceal. É uma profissão relativamente cômoda para me realizar como escritor, pelas horas livres que me deixa. Mas não me agrada, decerto, por ser a *minha profissão*, ou seja, o modo de vida obrigatório.»<sup>7</sup> E em *Aparição*, Alberto reflete sobre sua ocupação:

Decerto, decerto: nunca tivera saúde, a vida de professor era tranquila. Porque eu sonhara sempre, talvez por isso, com uma farda militar e uma vida romanesca. Meu pai corrigiu: – Não é só isso. Há mais razões. Sim. Havia o meu interesse pelas leituras, a invenção do indizível e o meu verso clandestino que a cantava.<sup>8</sup>

Mais do que um simples eco discursivo do autor, Alberto, tal como Vergílio Ferreira, encara a realidade com uma postura de Sísifo, acostumado ao repetitivo ofício do ensino, que, antes de propiciar qualquer tipo de prazer, deixa o espaço necessário às reflexões de origem existencial. É importante ressaltar, também, que o caminho trilhado pelo narrador de *Aparição* é muito semelhante ao de seu autor. Ambos criados no seio de catolicismo provinciano português encontraram, na literatura, a fenda para a liberdade de pensamento.

Em um outro trecho, ao lhe indagarem sobre as lembranças de sua infância, o escritor responde:

Recordações especiais, não; mas prende-me à aldeia, naturalmente, o ser de lá a minha infância. Assim como a transfiguração do passado, eu conservo a transfiguração do ambiente em que vivi, o mistério da montanha e as suas lendas, a rudeza melancólica das pessoas e coisas que descobri em pequeno. Ora, se a arte visa a emoção-síntese da vida, o filtro da distância ajuda a mesma arte. Por isso me agrada utilizar as dominantes desse ambiente remoto e as utilizo com frequência.<sup>9</sup>

Nesse fragmento é possível ver que o autor encara sua infância como um poderoso substrato artístico, no qual a distância segura fornecida pelo passado não só potencializa a arte, mas também a ajuda a atingir uma certa «emoção-síntese», que seria seu objetivo final. Resta saber em que medida esse processo poderá ser interpretado como um vestígio autobiográfico de Vergílio Ferreira. O seguinte fragmento de *Aparição* poderá, possivelmente, fornecer uma resposta:

Falo-te aqui da montanha, ouvindo os cepos a estalar na chaminé, ouvindo as vagas do vento. Nada soube de ti, amigo. Nunca. Mas dos teus pecados ou virtudes, o que me relembra agora é essa amável perfeição de uma face cansada de quem esgotou a vida e essa boa tolerância para quem a estava anunciando.<sup>10</sup>

Ao descrever o reitor do Liceu, podemos analisar a forma como a narração de Vergílio Ferreira vai exatamente ao encontro daquilo que o autor afirmou em sua entrevista. Sua vida, mais do que um mero teatro de memórias, constitui uma poderosa ambientação para as suas obras. Tudo aquilo que é compreendido pelo domínio da lembrança torna-se material, pano de fundo da obra, potencializado esteticamente na literatura.

Dessa forma, chega-se ao ponto nevrálgico deste estudo: é realmente possível falar em espelhamento autobiográfico na obra de Vergílio Ferreira? A resposta, por mais que possa ser positiva, não é, entretanto, conclusiva. Apesar de serem perceptíveis os indícios autobiográficos e as analogias existentes entre protagonista e autor, *Aparição* acaba por se constituir como uma via de mão dupla. Sem chegar a ser uma autobiografia nos moldes clássicos, a obra de Vergílio Ferreira parece fornecer algumas respostas sobre a vida de seu criador. Talvez mais do que respostas, verdadeiras coletâneas sobre a forma como o próprio autor encara a vida, a arte e a literatura:

Sim, sim, escrevia o meu verso. Mas a arte não era para mim um mundo de letra impressa, uma estúpida invenção de passatempo ou vaidade: era uma comunhão com a evidência, uma reencarnação na verdade de origens – eu o sabia, eu o saberia sobretudo depois.<sup>11</sup>

Alberto, de forma análoga ao próprio Vergílio Ferreira, é um escritor para quem o mistério da existência humana encontra um potente canalizador na literatura. Esta, por sua vez, será a forma encontrada por Alberto para dialogar com o passado remoto e, dessa maneira, tentar lidar com seu delicado percurso de vida. Ainda em uma das entrevistas de Vergílio, podemos ver como ele próprio encarava a influência de um determinado ambiente na construção da personalidade:

Determinar em que medida um ambiente nos afectou é praticamente impossível. Isto porque a pessoa que se é, é una, indivisa, absoluta. Que importa que nos demonstrem que certos tiques nossos foram herdados de nossos pais? Agora eles são nossos – *são nós*. E a pessoa que se é apresenta-se-nos na impositividade do que se é, e só a poderíamos conhecer se saíssemos de nós. O que mais posso fazer em relação a mim é referir o condicionalismo da minha infância. Nasci numa aldeia da serra da Estrela, criei-me com duas tias e uma avó. E no entanto, sim, tenho saudades da infância. Mas entendamo-nos: saudade não é o desejo de um impossível retorno: é a mitificação do tempo, a legenda do passado, o apelo do nunca mais, a fixação do movente na transcendência da imobilidade.<sup>12</sup>

Assim, o desejo de rememoração e a influência exercida pelo passado do autor não se restringem apenas à maneira como a personalidade de cada um é construída, pois é também através desse desejo e dessa influência que conseguimos fixar nas areias movediças do tempo a imortalidade da memória, mesmo

sendo obrigados a aceitar a impossibilidade do seu retorno empírico. É por meio da escrita que podemos entrar em contato com o passado, sob a ótica do presente, observar cada fato, cada mudança, sabendo exatamente qual será o resultado, sem poder, entretanto, mudar os fatos que já aconteceram. Escrever sobre o que já passou não é somente reviver, é reinventar, analisar. Recomeçar com a consciência do fim.

Ainda sobre a estrutura de sua obra, Vergílio Ferreira afirmou em uma de suas entrevistas:

Para a mim próprio esclarecer sobre o «eu» que me importava, distingui-lhe na teorização três zonas de emergências: a das imediatas relações sociais, ou seja, de uma prática; a das características que nos tornam únicos [...] e com as quais se faz a famosa «psicologia»; e finalmente a das profundezas do puro impulso do ser-se, da nossa auto-revelação como «pessoas», ou seja, a do eu-metafísico. A violência com que isso me atingiu vinha-me de uma experiência pessoal. *Aparição* é o romance dessa experiência.<sup>13</sup>

Nessa pequena citação, vemos a forma como o próprio autor lida com a problemática de sua obra. *Aparição* não é apenas uma autobiografia ou apenas um romance, mas sim uma obra na qual o autor quis imortalizar a constatação de uma determinada experiência de vida. Diana Klinger, em seu ensaio «A escrita de si – o retorno do autor», afirma que «o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma certa “verdade” na escrita»<sup>14</sup> seriam o ponto crucial da inconclusiva noção de autoficção. Forjado em 1971 por Serge Doubrovsky, esse conceito ainda permanece numa zona nebulosa, o que, entretanto, não anula funcionalidade na compreensão de uma obra como *Aparição*. Mais do que a teatralização de fatos da qual o narrador será plateia, o que vemos é, na verdade, a forma como esse mesmo Alberto é uma faceta performática de Vergílio Ferreira. A narração em primeira pessoa da qual Alberto é autor funciona como uma válvula de escape das palavras do próprio autor. Será por meio de seu fluxo de memória que veremos encenado, nas palavras de seu próprio criador, a cristalização de uma determinada experiência de vida.

Assim, o que importa nessa obra não é a forma como o percurso factual da narrativa irá ganhar projeção e se desenvolver, mas a maneira como ela se configura como uma obra situada *in medias res* das definições clássicas de romance e de autobiografia, o que gerará um pacto de leitura alternativo. Autoficcional ou não, *Aparição* aponta o desejo de Vergílio Ferreira que não é necessariamente o de dizer a verdade, ou de simplesmente deixar que o fluxo de memória repercuta em seu leitor, e sim o desejo de ficcionalizar os fatos, dando-lhes a refinada roupagem da ficção. Alberto Soares não é apenas um desdobramento possível de Vergílio Ferreira, mas um híbrido de personagem e autor que, ao olhar através do complicado espelho da memória, questionará não só o seu caminho percorrido mas também a própria gênese de sua personalidade.

Assim, o narrador vergiliano constrói sua história no espelho da história de seu autor, e o que vemos, em muitas passagens, é a forma como os dois discursos se mesclam, dando luz a algo que escapa sutilmente a qualquer definição. Por mais que a leitura autobiográfica da obra de Vergílio Ferreira seja pertinente, não cabe aqui qualquer tentativa de diminuir a potencialidade ficcional de uma obra como *Aparição*.

Diana Klinger, ainda em seu ensaio «A escrita de si – o retorno do autor», analisa a obra de César Aira, *Como me hice monja*. De acordo com a autora, nessa obra estão presentes diversas das problematizações mais frequentes geradas pela primeira pessoa, supostamente autobiográfica. Na obra de Aira, especificamente, é possível ver como «o relato retrospectivo da vida não desfaz somente sua ilusão de referência, mas ao mesmo tempo resulta de uma cisão interna do narrador que problematiza a noção de identidade da própria voz narrativa»<sup>15</sup>. Se essa análise não toca em uma problemática particular de *Aparição*, pode, entretanto, mostrar-nos – pelo avesso – como seu processo autoficcional é peculiar. Porque Vergílio Ferreira não se apoia numa *ilusão de referência*, nem mesmo narra as dificuldades de um sujeito cindido; na verdade, ele opta por narrar a delicada problemática de um sujeito que deseja permanecer uno e indivisível, de alguém que, apesar da aproximação possível que possua com o autor da obra, ainda assim consiste num personagem que descreve a experiência humana mais frequentemente tematizada pelo gênero autobiográfico: escrever sobre si mesmo na tentativa de compreender o próprio passado. É na cristalização dessa experiência tão complexa que Vergílio Ferreira ergue a base de sustentação de sua obra, que terá como principal pilar sua própria memória.

Dessa forma, memória, ficção e autobiografia não serão apenas as conjugações de uma intenção autoral, mas o complicado poliedro que norteia a escrita de *Aparição*. «Escrever é uma espécie de catarse aristotélica», afirmou Vergílio, em uma de suas entrevistas. Escrever não é somente expurgar os fatos e acontecimentos que ficaram retidos; é também a maneira encontrada pelo autor de dar forma a uma determinada experiência de vida. No posfácio da quinta edição, Vergílio Ferreira afirmou sobre *Aparição*:

Creio que de todos os meus livros é este o mais significativo pelo questionar que me impôs, embora possa admitir o não seja pela solução estética que o resolveu: de nossa condição é a estima pelos filhos mais novos porque eles nos reconduzem ao começo e à esperança [...] De qualquer modo, suponho que *Aparição* me deu o núcleo de toda a minha problemática para quanto dela já se anunciava ou veio a se desenvolver. Encruzilhada decisiva, aí pude interrogar-me sobre o donde e para onde, sobre o porquê. [...] A vertigem da descoberta do «eu» tem que ver justamente com sua aparição, ou seja com seu insólito inesperado. A experiência desse «eu» é difícil, porque ele é *pro-jecção*.<sup>16</sup>

Mais do que o simples relato de um experiência ou mesmo da ficcionalização de uma determinada experiência de vida que é comum a todos os seres

humanos, podemos ver como, nas palavras do próprio autor, *Aparição* é o romance que encena a complicada projeção de si mesmo, o delicado processo de tornar-se consciente daquilo que se é, de descobrir-se como indivíduo. Em *Aparição*, a memória desse eu é a força motriz da narrativa, aquilo que se condensa no núcleo da ficção do romance. Assim, escrever não é só acordar o delicado monstro adormecido que habita o interior de cada um. Escrever é transpirar o problema, cristalizar a memória, transformar o monstro, antes adormecido, em fantasma.

**Resumo:** Este trabalho visa a investigar os limites existentes entre a autobiografia e a peculiar prosa de Vergílio Ferreira, tendo como objeto de estudo o romance *Aparição*. Até que ponto é possível falar em pacto autobiográfico ao se analisar uma obra do porte de *Aparição* que, nas palavras de seu próprio autor, é uma espécie de cristalização de uma determinada experiência de vida? O discurso em primeira pessoa e as diversas aproximações entre o protagonista da obra e seu ator fornecem base para a investigação dos limites autobiográficos, o que conduziria à hipótese de ser este um desdobramento da principal linha que orienta a maior parte dos romances vergilianos. Onde poderíamos afirmar que termina a verve existencialista de Vergílio e começa a ficcionalização da experiência em *Aparição*?

**Palavras-chave:** autoria, autobiografia, narrativa moderna, literatura portuguesa, Vergílio Ferreira, autoficção.

**Abstract:** *The following paper aims to investigate the existing limits between autobiography and Vergílio Ferreira's peculiar prose, taking as object of study the novel Aparição. To what point is it possible to speak about autobiographical pact when analyzing a work such as Aparição, which, in its own author's words, is the crystallization of a certain life experience? The first person speech as well as several noticeable similarities between the novel's protagonist and its author support the inquiry about autobiographical limits, but to which point could this not be a spin-off of the main thread conducting most of Vergílio Ferreira's fictional work? Where could we possibly affirm that the existentialist verve ends and the fictionalization of experience starts, in Aparição?*

**Keywords:** *authorship, autobiography, modern narrative, Portuguese literature, Vergílio Ferreira, autofiction.*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Barthes, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- Borges, Jorge Luis. *O Fazedor*. São Paulo: Difel, 1985.
- Coelho, Eduardo Prado. «Entre a aparição e o desgaste». In: *A Mecânica dos Fluidos: Literatura, Cinema, Teoria*. IN-CM, 1984.
- Dal Farra, Maria Lúcia. *O Narrador Ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.
- Ferreira, Vergílio. *Aparição*. São Paulo: Difel, 1983.
- Ferreira. *Invocação ao Meu Corpo*. Lisboa: Bertrand, 1994. 3.<sup>a</sup> ed.
- Foucault, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Godinho, Helder (org.) *Estudos sobre Vergílio Ferreira*. IN-CM, 1982.
- Klinger, Diana. «A escrita de si – o retorno do autor». In: *Escritas de Si, Escritas do Outro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- Laso, José Luis Gavilanes. *Vergílio Ferreira: Espaço Simbólico e Metafísico*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- Le Goff, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, 2003.
- Lejeune, Philippe. *Le Pacte autobiographique*. Éditions du Seuil, 1996.
- Padrão, Maria da Glória (apresentação, posfácio e notas). *Vergílio Ferreira: Um Escritor Apresenta-se*. IN-CM, 1981.
- Paiva, José Rodrigues de. *O Espaço Limite no Romance de Vergílio Ferreira*. Recife: Gabinete Português de Leitura, 1984.

<sup>1</sup> Borges, Jorge Luis. *O Fazedor*. São Paulo: Difel, 1985.

<sup>2</sup> Barthes, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2002.

<sup>3</sup> Le Goff, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 420.

<sup>4</sup> Ferreira, Vergílio. *Aparição*. São Paulo: Difel, 1983. p. 9.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>6</sup> Lejeune, Philippe. *Le Pacte autobiographique*. Éditions du Seuil, 1996. p. 14.

<sup>7</sup> Padrão, Maria da Glória (apresentação, posfácio e notas). *Vergílio Ferreira: Um Escritor Apresenta-se*. IN-CM, 1981. p. 23.

<sup>8</sup> Ferreira, *op. cit.*, p. 23.

<sup>9</sup> Padrão, *op. cit.*, p. 24.

<sup>10</sup> Ferreira, *op. cit.*, p. 25.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>12</sup> Padrão, p. 29.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>14</sup> Klinger, Diana. «A escrita de si – o retorno do autor». In: *Escritas de Si, Escritas do Outro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 10.